

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

WEBERT DA CRUZ ELIAS

REPORTAGEM *HIPERMÍDIA*: RETOMAR PARA REINVENTAR

O questionamento do existir na cidade a partir de uma ocupação cultural no Distrito Federal

BRASÍLIA
2018

WEBERT DA CRUZ ELIAS

REPORTAGEM *HIPERMÍDIA*: RETOMAR PARA REINVENTAR

O questionamento do existir na cidade a partir de uma ocupação cultural no Distrito Federal

Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Marques Silva

BRASÍLIA
2018

“O antes comum, privado por outrem,
retorna comum, numa espiral coletiva”

Fernanda Lobo

Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Webert da Cruz Elias, intitulado “REPORTAGEM *HIPERMÍDIA*: **RETOMAR PARA REINVENTAR** - O questionamento do existir na cidade a partir de uma ocupação cultural no Distrito Federal”, apresentado como requisito para obtenção do certificado em Comunicação Social habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, em 04 de dezembro de 2018, defendida e/ou aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^o. Dr. Alberto Marques Silva

Orientador
Universidade Católica de Brasília - UCB

Prof.^a. Dra. Florence Marie Dravet
Universidade Católica de Brasília - UCB

Prof.^a. Dra. Renata Giraldi Dias
Universidade Católica de Brasília - UCB

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe pela vida e inspiração eterna de resistência e luta. À família que o universo me presenteou: Daniela Rueda e Lineker Teixeira, por aguentarem, incentivarem, acreditarem, brigarem comigo durante a escrita. Ao Thiago Soares de Araújo, parceiro firme. Ao meu orientador com sua compreensão e paciência histórica. Aos amigos e amigas que contribuíram no sentido, idealização, apuração, pesquisa e concretização deste trabalho.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	1
SUMÁRIO.....	2
RESUMO	3
1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS.....	9
2.1 Objetivo Geral.....	9
2.2 Objetivos Específicos	9
3. JUSTIFICATIVA	10
4. O QUE É A REPORTAGEM NO ÂMBITO DO JORNALISMO?.....	13
4.1 Reportagem enquanto gênero jornalístico	13
4.2 Características da reportagem.....	15
5. Reportagem hipermídia: contar histórias no ambiente digital.....	18
6. Direito à Cidade e ocupação cultural: A TRANSFORMAÇÃO DE MENTES E ESPAÇOS URBANOS.....	24
7. DIÁRIO DE BORDO	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
APÊNDICE 1	32
APÊNDICE 2	41

RESUMO

Este memorial relata a construção de uma reportagem em ambiente digital. Trata-se de uma narrativa hipermidiática sobre o fenômeno social de ocupação urbana. A pauta trata de diversos pontos levantados sobre o questionamento do existir no espaço urbano a partir do movimento Mercado Sul Vive. Nesse sentido, foi construído este memorial para apresentar de forma estruturada a construção teórica e prática da reportagem. Buscamos também mostrar como as formas expressivas midiáticas passam atualmente por um processo de renovação para atender às necessidades de informações de um público jornalístico cada vez mais exigente e ansioso por uma comunicação mais honesta e contextualizadora. O resultado é a criação de um produto digital jornalístico que, além de trazer à tona a discussão sobre direito à cidade a partir de uma ocupação cultural, põe em prática a coalizão de ferramentas midiáticas a favor de uma narração que promova debates mais profundos sobre essa questão na sociedade.

ABSTRACT

This memorial reports the construction of a report in a digital environment. It is a hypermediatic narrative about the social phenomenon of urban occupation. The agenda addresses several points raised about the questioning of existing in urban space from the Mercado Sul Vive movement. In this sense, this memorial was built to present in a structured way the theoretical and practical construction of the reportage. We also seek to show how expressive media forms are currently undergoing a process of renewal to meet the information needs of an increasingly demanding journalistic public and anxious for a more honest and contextualising communication. The result is the creation of a digital journalistic product that, in addition to bringing to the fore the discussion about the right to the city from a cultural occupation, puts into practice the coalition of media tools in favor of a narration that promotes deeper debates about this society.

1. INTRODUÇÃO

Compreender o potencial da reportagem hipermídia é fundamental para um diálogo atualizado do jornalismo com o público do século XXI. As especificidades do ambiente digital têm reconfigurado o jeito de se construir de histórias nas reportagens com o crescimento do número de usuários e desenvolvimento das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs. Um processo de remediação das expressões midiáticas se renova cotidianamente no jornalismo. As possibilidades do ambiente web têm ajudado a detalhar e contextualizar mais as informações.

As causas e consequências na escrita digital ganham mais compreensão e este memorial está organizado para apresentar inicialmente as características fundamentais do gênero jornalístico, discutir o que é produção de reportagem hipermídia e apresentar o tema a ser trabalhado na pauta do produto jornalístico. No âmbito das pesquisas em comunicação, foram pesquisadas as reflexões de autores como Lage (2001), Baccin (2017), Martinez Albertos (1983), Martins (2016), Longhi (2015) e Canavilhas (2014), que estudam os processos jornalísticos no ambiente digital e o de reportar narrativas.

O tema escolhido para pautar a grande reportagem é a experiência de ocupação urbana do movimento Mercado Sul Vive (MSV), nomeando assim o produto hipermidiático de “Retomar para Reinventar - O questionamento do existir na cidade a partir de uma ocupação cultural no Distrito Federal”. Diante do contexto no qual existe e acontece a ocupação urbana MSV e a cobertura midiática ainda superficialmente focada em algumas atividades culturais no local, também se postam as possibilidades de narrativas mais profundas sobre a intervenção urbana e o significado dessa história no Distrito Federal. Escutando a comunidade local, este trabalho realizou uma narrativa das histórias com análises sob ângulos e fontes que contribuem para uma melhor compreensão do público sobre o que acontece no território do Mercado Sul em Taguatinga Sul (DF).

Neste memorial também poderão ser encontradas as formas e os processos organizativos de narração escolhidos para construir o produto jornalístico e assim contar as histórias. A perspectiva de construção do produto reportagem realizado foi a *longform*, ou, *em formato longo*, de maneira a explorar a contação de história em hipermídia para construir uma reportagem que “busca uma ampla conexão, articulação e explicação dos conteúdos narrativos, os integrando em um contexto que detalha a informação (causas e consequências), ampliando assim a compreensão dos acontecimentos jornalísticos”, segundo Baccin (2017).

O tema da reportagem foi explanado com o debate de questionamento da lógica mercadológica imobiliária posta no contexto urbano. O Mercado Sul de Taguatinga foi construído e inaugurado antes mesmo de Brasília, no fim dos anos 50, sendo um dos primeiros centros comerciais do DF. As lojas existentes no lugar serviram grandemente de comércio para abastecimento dos trabalhadores da região durante mais de 30 anos. Durante as décadas de 70 e 80, com uma baixa dos comerciantes de insumos ativos, o local foi então povoado pela boemia e se tornou um reduto *underground* da cidade. Nessa mesma época, o espaço atraía poetas e músicos. Aos poucos, as lojas também passaram a servir como moradias e o espaço voltou a receber pequenos empreendimentos de serviços diversos.

Um ponto de virada se deu nos anos 90, com a chegada de Mestre Dico, luthier e violeiro, um dos primeiros a firmar moradia e trabalho no local, mantendo uma oficina até hoje. Com o tempo, vários grupos se estabeleceram no local. Nos anos 2000, a formação do Ponto de Cultura Invenção Brasileira teve um importante papel de mobilização de artistas e jovens na região. Na esteira desta movimentação, chegaram a Oficina Tempo EcoArte, o Cineclube Motirô, Estúdio Gunga, a EcoFeira do Mercado Sul e tantos outros coletivos e ações que se consolidaram e que continuam a semear os fazeres e saberes no então chamado Beco da Cultura de Taguatinga.

Atualmente, a cena cultural do local se constitui fortemente também a partir das articulações e trabalho do movimento cultural MSV, que acontece desde fevereiro de 2015. Os lugares que configuram a ocupação são oito espaços de propriedade privada que estavam abandonadas no conjunto de três corredores de 28 lojas cada. As ações acontecem coletivamente, horizontalmente e são autogeridas, promovendo cultura popular, direito à cidade e agroecologia.

Compreendendo as ocupações culturais urbanas como fenômenos essencialmente participativos, as ações no local existem porque os sujeitos envolvidos assumem busca de entendimento e sentido a partir das relações com o espaço e com as pessoas da comunidade. No caso da ocupação Mercado Sul Vive, essa vivência acontece com valores e sentidos de pertencimento, questionamento e readequação das lojas, antes abandonadas, para intrínsecas necessidades sociais, laborais e culturais. Atualmente corre um processo judicial do proprietário das lojas, que possui outros imóveis no Mercado Sul, contra 14 integrantes do MSV para reintegrar a posse dos espaços ocupados, que atualmente estão mais revitalizados, cuidados e movimentados.

O questionamento do espaço urbano para participação e uso social reflete-se em uma responsabilização do Estado com a sociedade no sentido de lidar com o mercado imobiliário e

propriedades abandonadas, visto a existência de superlotação de pessoas nas cidades, espaços vazios, falta de moradia, crescimento desordenado, precariedade do acesso a políticas públicas de saúde, educação, cultura e habitação. Ou seja, intervir na lógica das cidades como mercadoria é promover e discutir espaços urbanos melhor utilizados e com sentido para as pessoas que os habitam.

No Mercado Sul, as lojas trancadas ofereciam riscos sociais para a comunidade local. Eram ruínas de antigas lojas com o grande fluxo de pessoas em situação de rua, usuários de craque, tráfico e evidentes focos de doenças com a falta de limpeza dos espaços. Atualmente, os espaços se tornaram âmbito de criação cultural e ponto de articulação de diversas atividades que fortalecem a autonomia e autogestão dos grupos e coletivos do Mercado Sul, com perspectiva para geração de renda e sustentabilidade das ações. A ocupação oferece diversas formações educativas, além de promover eventos culturais com os investimentos dos esforços colaborativos na infraestrutura dos locais revitalizados.

A reportagem hiperfídia **Retomar para Reinventar se encontra em um site Wordpress no endereço web www.retomarparareinventar.com.br** e está organizada em 6 capítulos:

- **CAPÍTULO 1: Sonhar e construir outra cidade.** Este momento introdutório da reportagem tenta abordar sobre como ocorreu o processo de ocupação, causas, relata histórias na retomada das lojas ocupadas pela comunidade, assim como contextualiza sobre como era antes da intervenção MSV. Além disso conta de outras trajetórias de cidades que enfrentam processos decorrentes da disputa por lugares e suas retomadas;
- **CAPÍTULO 2: Cidade mercadoria.** Neste momento da grande reportagem trata sobre habitação. Detalha sobre o conflito fundiário jurídico enfrentado pelo movimento MSV contra o dono das lojas ocupadas, articulações institucionais, promessas e estagnações nas relações do movimento cultural com o Estado. Para contribuir na contextualização, discute-se um pouco sobre o histórico das questões fundiárias sobre no Distrito Federal;
- **CAPÍTULO 3: Histórias sobre este chão.** Aqui se discute como a questão fundiária é antiga no Distrito Federal e como ocorreram as construções do Mercado Sul e de sua cidade mãe, Taguatinga;
- **CAPÍTULO 4: O caso BecoPub.** Aqui se conta a história de um bar inaugurado na comunidade que também desenvolvia atividades culturais, porém que não cultivava vínculos comunitários. Tratamos de divergências, convergências, equívocos e

distanciamentos enfrentados por moradores, MSV, o próprio dono do BecoPub, assim como ocorreram os acontecimentos relacionados;

- **CAPÍTULO 5: Sustância para resistir.** O penúltimo capítulo conta a história de uma ocupante e trabalhadora da comunidade com suas filhas. A personagem se torna um exemplo sobre como a vida de pessoas que moram em ocupações é de enfrentamento de uma série de problemas na busca pelo direito à moradia e trabalho. Discute-se a principal pauta e diferencial do movimento MSV, a moradia enquanto cultura.
- **CAPÍTULO 6: Espaços vivos, comunidade viva.** Capítulo final. Traz algumas discussões sobre o caminhar da luta pelo direito à cultura e cidade e os processos que estão sendo construídos no Mercado Sul.

Essa narrativa contextualiza historicamente a ocupação cultural de 2015 durante três anos e cerca de nove meses, assim como um pouco da história do Mercado Sul. Trata de processos de abandonos e consequências, ações de transformação da realidade, discute o uso social dos espaços, processos judiciais e o direito à cidade. Uma história para compreender mais de perto movimentos de ocupações culturais urbanas, como atuam e seus movimentos territoriais. As relações comunitárias, práticas agroecológicas e de economia solidária. Memórias, afetos e desafetos, envolvimento e pertencimento construídos coletivamente no local, com toda diversidade e adversidade.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Construir uma reportagem *hipermídia* sobre a experiência urbana da ocupação cultural Mercado Sul Vive em Taguatinga no Distrito Federal.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar os processos de causas e efeitos da ocupação cultural Mercado Sul Vive na comunidade local e na cidade;
- Contextualizar com profundidade a ocupação cultural Mercado Sul Vive a partir do direito à cidade e cultura;
- Discutir teoricamente a reportagem no ambiente digital;

3. JUSTIFICATIVA

A agenda de luta pelo direito à cidade tem crescido nos últimos anos no Brasil. Propostas e ações na busca por transformação dos espaços urbanos em locais melhores para se viver tem sido um dos motes que articulam diversas pautas segmentadas nesse contexto. Exigências por melhores políticas públicas de meio ambiente, mobilidade, energia, saúde, educação, esporte, lazer e cultura expressam comportamentos e possibilidades de construção de um novo imaginário diante das lógicas até então instaladas nas cidades e metrópoles que conservam valores como a propriedade privada.

Compreender o processo de Ocupação Cultural no Mercado Sul em Taguatinga/DF é atentar-se a um fenômeno que dialoga diretamente as novas práticas e formatos dos movimentos sociais e culturais com as demandas urbanas. Apesar de o ato “ocupar” existir a muito tempo como prática de luta de diversos movimentos de moradia no Brasil, o caráter “cultural” aprimora o processo na proposta de ressignificação dos valores que condicionam o espaço. Essa ressignificação só é possível a partir de novos processos comunicativos e de posturas com outros valores dos que foram impostos nas lógicas instaladas nas cidades.

O coletivo Mercado Sul Vive ocupa a partir de propostas de trabalho colaborativo, que valorizam a autonomia, minimizam a institucionalidade, deem caráter dialógico nas relações sociais, valorizem a cultura popular, tenham solidariedade no processo econômico e que promovam responsabilidades ambientais e humanas. Este trabalho analisará a construção desse novo imaginário proposto pelo MSV a partir de uma apuração com os principais agentes do movimento, valorizando uma escuta atenta às pessoas da comunidade que moram no Mercado Sul, inclusive as que não estão no contexto cultural, críticos a ele, para uma angulação de outros olhares a partir de suas vivências. A pesquisa investigará o processo de construção dos prédios do local e a especulação imobiliária envolvida neste processo. Compreender a propriedade para o uso social e a apropriação da cidade para a expressão e convivência da diversidade cultural que nela existem. O fenômeno ocorre também por uma necessidade de espaços colaborativos que estimulem o envolvimento na prática e construção de sentidos e ações no espaço urbano.

A cultura e a participação nunca foram pensadas como um aspecto primordial na construção de políticas sociais e urbanas. Portanto, a percepção do Estado sobre as ocupações culturais deve ser de mais entendimento e acompanhamento no âmbito político para constituição de novas políticas públicas para as cidades e também de reestruturação jurídica para tais casos, do que de posição jurídica sem uma leitura mais atenta, autocrítica e propositiva sobre o fenômeno urbano.

Toda essa perspectiva ainda é pouco tratada pela mídia ao realizar coberturas e relatos sobre as ações que acontecem no Mercado Sul. Foca-se em algumas atividades culturais, sem abordar o contexto no qual a cena cultural acontece, nem a importância histórica do local para Taguatinga e o Distrito Federal. O local ainda não é reconhecido como patrimônio imaterial do DF e atualmente possui uma necessidade de reconhecimento político para conseguir uma desapropriação de posse do suposto dono das lojas ocupadas e a cessão de uso pelo Estado.

A história do Mercado Sul e a sua contextualização a partir da ocupação para dimensionamento da importância desse lugar ainda não foi contada em profundidade por meios jornalísticos. A ideia deste trabalho é desenvolver uma reportagem investigativa e interpretativa sobre a cultura, a especulação imobiliária e a comunidade do local para um registro histórico desse que foi um dos principais pontos comerciais na história do Distrito Federal.

O território do Mercado Sul é composto por diversos coletivos e ações que são bastante diversas. As reportagens realizadas não são lúcidas sobre a composição dos espaços (APÊNDICE 1), tendendo a passar informações equivocadas e não compreender a sua complexidade. Esses problemas de apuração têm construído conflitos internos e externos sobre o Mercado Sul. Até no processo jurídico do MSV devido à ocupação, as matérias sem uma abordagem mais próxima influenciam. Como um todo, a relação comunidade-ocupação passa por um momento de retratação de vínculos, de dinâmica das organizações que existem no local, além de claro, continuar o trabalho educativo, cultural e ecológico pautados no questionamentos do verdadeiro valor da existência nas cidades e até também no campo. Esta reportagem pretende ter um cuidado ao operar sobre o que é cada lugar de participação dos sujeitos que se relacionam no território.

Além de uma narrativa mais profunda, com responsabilidade de não confundir informações e respeitar a diversidade local, entende-se a importância do registro histórico desta ocupação urbana, visto que é uma experiência peculiar no Brasil desse porte - um fenômeno que une direito à cidade e cultura como transformação local e comunitária. Para o movimento, morar é cultura, cultura é morar. Percebe-se a manifestação cultural como elo na vida social além das manifestações artísticas, mas também como uma prática diária de transformação dos lugares e de si mesmo.

O formato reportagem hipermídia também justifica muito sobre este trabalho. O ambiente digital mais que convoca os profissionais da comunicação à entrarem na esteira de produção de conteúdo na web, visto que se vislumbra, cada vez, transformações nesse âmbito para a continuação e melhoria das possibilidades narrativas. O jornalista, por via, também mais que possui responsabilidade de se apropriar das ferramentas digitais para poder atuar em mais

diálogo e coerência com sua missão profissional em consonância a um público cada vez mais virtualmente conectado. A proposta de construir um produto como TCC se apresentou muito na perspectiva de experimentar e criar dentro dessa lógica emergente e presente na comunicação. Para isso, a reportagem, enquanto gênero jornalístico genuíno, no qual a atuação de repórter se faz muito presente, constituiu como a possibilidade de ser essa produção que abriria a oportunidade de mais descoberta da profissão jornalista.

4. O QUE É A REPORTAGEM NO ÂMBITO DO JORNALISMO?

De acordo com Lage (2001), desde o século XIX a reportagem propõe tratar com prioridade de novas questões relevantes da vida em sociedade, como “discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista” (LAGE, 2001, p. 6).

Contar histórias de fenômenos ou acontecimentos sociais, políticos e culturais na sociedade, Estado e mercado, vem, ao longo do crescimento rápido e constante das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs, ocupando-se de transformar e realizar atualizações no exercício do jornalismo, principalmente na escrita digital. Entretanto, como afirma Baccin (2017), independentemente do espaço, como jornais, revistas, rádio, televisão ou internet, existem características fundamentais da reportagem que a diferenciam de outros gêneros jornalísticos. O exercício jornalístico no ambiente digital tem sido potencializado no que tange o aprofundamento das temáticas, contextualizações narrativas e aproximação das histórias das pessoas pela humanização dos relatos a partir dessas transformações tecnológicas.

Visto que o avanço da propagação em massa de notícias falsas, somado à facilidade de distorções dos fatos e instantaneidade de aplicativos de telefones celulares no lidar com qualquer tipo de informação, a presença da superficialidade e mentiras desgovernadas desafiam processos mais interessantes, verídicos e confiáveis, compromissos próprios do jornalismo de profundidade enquanto serviço ao público. Pautar, discutir, questionar, esmiuçar e alertar é e continuará sendo um dos principais papéis do jornalismo e as reportagens se apresentam como terreno fértil para esse fazer na vida coletiva e compartilhada em sociedade.

4.1 REPORTAGEM ENQUANTO GÊNERO JORNALÍSTICO

Antes de identificar, descrever as características e adquirir mais conhecimento sobre nuances do fazer jornalístico digital, é preciso entender sobre a reportagem em si. A divisão histórica do jornalismo é intrínseca à compreensão da reportagem enquanto gênero jornalístico. A primeira fase histórica é um jornalismo **ideológico**, por volta de 1850, de acordo com o pesquisador Martinez Albertos (1983). Nessa fase, segundo o autor, o jornalismo ganha uma determinada organização enquanto exercício profissional, ficando mais estabilizado como ofício. Nilson Lage (2001) descreve esse momento da história do jornalismo enquanto uma fase **publicista**. Elevado por uma demanda de propagação de ideias no campo político e religioso,

as perspectivas de doutrina e moral se destacavam e basicamente as informações respondiam às demandas da burguesia.

A pretensão de orientar e interpretar está sem dúvida ligada ao estilo, que era parecido com o dos discursos e proclamações. A narrativa surgia às vezes - tanto de acontecimentos reais quanto de eventos fictícios ou alegóricos - e os registros menores lembram o tom seco dos enunciados informativos conhecidos na época (anais, atas, relatórios, as relações de episódios listados em ordem cronológica que tinham o nome de crônicas), mas a linguagem dominante ficava entre a fala parlamentar, a análise erudita e o sermão religioso (LAGE, 2001, p.4).

O segundo momento histórico do jornalismo surge bem próximo ao primeiro, articulado com a Revolução Industrial, “por volta dos anos 1870, dando ênfase a um jornalismo mais **informativo**, no qual predomina a narração dos fatos” Baccin (2017, p. 99). As reportagens iniciais surgiram junto com a formação das indústrias. Ou seja, processos revolucionários também ocorriam no jornalismo, como explica Nilson Lage (2001). Este autor explica que a alfabetização das pessoas se elevava, logo, mais exigência de informações surgia e uma ferveção de demandas se apresentava ao jornalismo que se reinventava, inclusive para com maior e veloz produção. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, uma nova fase emerge na profissão acompanhada de uma audiência exigente por mais conhecimento a respeito dos fatos. Um momento de “produtos mais elaborados, é quando o jornalismo de **explicação** ou jornalismo **interpretativo** ou em **profundidade** passa a ganhar espaços, principalmente nas revistas” Baccin (2017, p. 100).

“O jornalismo de **explicação** utiliza equilibradamente o relato e o comentário, mas os situam em uma perspectiva, mediante a qual o leitor encontra os juízos de valor situados de forma imediata, ao lado da narração objetiva dos fatos” (MARTÍNEZ ALBERTOS, 1993, p. 275). Novos jornalistas, demandados pelo público rigoroso, criaram processos informativos que precisavam contribuir na comunicação entre as informações e a pessoas, realizando uma conexão melhor explicada e criadora de sentidos, mais aprofundada. No período, “em suma, o repórter, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade...” (Lage, 2001, p. 9).

Com esse histórico, a reportagem atualmente se apresenta fundamental para a sociedade, visto que sua contribuição e compromisso devem ser com o seu público, percebendo a realização de um serviço fundamental para a vida compartilhada entre cidadãos, deixando nítidas as diversidades de perspectivas sobre os acontecimentos. A honestidade e dimensão do conteúdo são fundamentais para o exercício jornalístico, como afirma Nilson Lage (2001):

É erro crasso exagerar o papel do jornalismo como ditador da opinião pública; mas tornou-se axioma do ofício - algo que nós, jornalistas, consideramos autoevidente - a convicção de que ele contribui positivamente quando exercido de maneira correta. Isto significa que o jornalismo progressista não é aquele que seleciona apenas discursos tidos como avançados em dado momento, mas o que registra com amplitude e honestidade fatos e idéias de seu tempo (Lage, 2001, p. 8).

Pensando no Brasil, registros iniciais de reportagens são de João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido como João do Rio, em 1904, de acordo com Alcione Baccin (2017). Com isso, as linhas sobre o que é contar histórias jornalisticamente para o povo entra em um processo de amadurecimento que delineava melhor o que se tornaria o jornalismo investigativo brasileiro, apresentam-se assim “o repórter e a reportagem” (MARTINS, 2016, p. 37).

4.2 CARACTERÍSTICAS DA REPORTAGEM

Quatro características principais da reportagem colaboram a especificar esse gênero jornalístico entre os outros: **a predominância da forma narrativa**, **a humanização do relato**, **o texto de natureza impressionista** e **a objetividade dos fatos narrados**, de acordo com Sodré e Ferrari (1986). Vivaldi (1993, p. 65) define a reportagem como “uma narração informativa, de caráter mais ou menos literário, concebida e realizada segundo a personalidade do escritor-jornalista”. Desse modo, narrar histórias no âmbito de reportagens demanda uma sensibilidade do repórter sobre como construir conteúdos menos enrijecidos e mais criativos, que possuam gingado para ao mesmo tempo informar, humanizar e ir direto ao ponto. O caráter de contação de histórias carrega uma das principais marcas do jornalista de reportagem tanto para Sodré e Ferrari (1986), quanto para Vivaldi (1993).

O pensador Martínez Albertos (1993) se dedica ainda a compreender mais a fundo as identidades e diferenças da chamada “grande reportagem”, no qual Vivaldi (1993) também descreve como essas narrativas ainda mais parecidas e próximas da linguagem literária. Baccin (2017, p.101) ainda descreve: “esse tipo de narrativa surgiu nas revistas Life, Look e Época, que discorriam sobre um tema num estilo monográfico. Muitas vezes as narrativas eram apresentadas em cadernos especiais, separados do conteúdo cotidiano da publicação”.

No Brasil, é importante levar a tona os estudos de Cremilda Medina (1973) sobre grande reportagem. Para a pesquisadora, essa forma de reportagem se destaca por ser composta pelo aprofundamento do tema, abordagem de antecedentes, contextualização e humanização do

assunto. Diante dessas perspectivas, cria-se uma determinada classificação do que vem a ser reportagem em profundidade, como parte das reportagens interpretativas. Esta sendo importante na constituição do estilo de redação de notícias e jornalismo *New Journalism*, de acordo com Baccin (2017). O pesquisador Martínez Albertos (1993) coopera em nossos estudos, identificando alguns elementos que fortalecem uma descrição da existência de uma estrutura interna nas grandes reportagens:

- 1) tese – diferente da estrutura da pirâmide invertida, que busca dar a informação completa no início, este modelo visa a expor um ponto de vista intelectualmente agressivo, para captar o leitor;
- 2) acumulação lógica dos dados – é a união de todos os acontecimentos, dados e constatações reunidos na apuração;
- 3) conclusão – é o que reafirma as informações iniciais.

As reportagens são um diferencial muito importante no exercício profissional e social do jornalismo. Baccin (2017) confirma ao descrever que jornalismo diário “tende a publicar as mesmas notícias”, diferente da reportagem que, para a estudiosa, a criação desse produto demanda uma dedicação e esforços que merecem reconhecimento legítimo:

A produção, apuração e redação de reportagens demandam tempo, dedicação de jornalistas e recursos financeiros. O acontecimento ou temática de que a reportagem trata já são geralmente assuntos conhecidos pelo público. O interesse do jornalista de abordar na reportagem temas já conhecidos está em oferecer uma visão mais completa e documentada, dando espaço para a “**informação complexa**” (Baccin, 2017, p. 101).

Com base nas definições de López García (2003), comparada com outros gêneros, destaca-se que na reportagem o jornalista: ganha maior espaço de liberdade na utilização da linguagem; ao narrar, a estrutura expositiva é mais livre; possui um conceito ampliado de atualidade; trata fatos já conhecidos, mas não investigados com suficiente profundidade (o jornalista precisa de tempo para conseguir explorar documentos, materiais e fontes relacionadas com a informação); gere os fatos com melhor minuciosidade, coloca ao seu público uma maior quantidade de informações que também enaltece a qualidade e a seleção; pode divertir o seu leitor pela escrita e ritmo narrativo, mistura narrativa criativa com informação, declarações de fontes, dados e interpretação de fatos.

“Podemos concluir que a reportagem é a modalidade expressiva mais completa de que o jornalista pode lançar mão para informar, relatar e interpretar fatos, acontecimentos e temas de interesse público” (Baccin, 2017, p. 102). Entende-se então que o gênero reportagem não

possui uma estrutura só, nem estabelece a necessidade de utilizar somente o modelo conhecido como a pirâmide invertida, que é facilmente identificado em notícias, e não precisa iniciar com *lead*.

De acordo com Baccin (2017), a reportagem é dotada de um estilo mais flexível, voltado para a interpretação de um tema que não é tão dependente de atualidade ou facticidade, diferentemente da notícia, que possui uma forma mais padronizada, texto distante da primeira pessoa que a escreve, procuradora do relato objetivo e factual. Para o autor López García (2012), a reportagem abre espaço para a criatividade, performance informativa, profundidade e espaços comuns e eficientes com os leitores.

Podemos compreender, então, que a reportagem possui potência informativa melhor que qualquer outra modalidade, pois possui em si grandes possibilidades de espaço para apresentar dados, depoimentos e conteúdos, prontificando uma contextualização geral do assunto, a partir de mais perspectivas e aprofundamento no tema.

Reportagem é o gênero mais prontificado à interpretação, de acordo com Ribas (2005). Ao mesmo tempo em que se apresenta informativo, essa narrativa pode ser mais literária, analítica, e apresentadora de mais detalhes sobre as causas e consequências dos acontecimentos. Diante disso, é importante ressaltar que os gêneros jornalísticos não se finalizam em categorizações fechadas, possuem suas características, mas não são estagnadas a partir de seus limites identitários. Alcione Baccin (2017) afirma que “é importante ressaltar que essas classificações não são definições rígidas. As fronteiras entre os gêneros até podem ser delimitadas, mas isso não significa que as categorias sejam estanques”. O campo de estudos é aberto a pesquisadores e jornalistas que, ainda mais em tempos de atualizações tecnológicas digitais constantes, discutem e aprofundam as discussões sobre gêneros jornalísticos. Veremos a seguir, a linha de estudos da **reportagem hipermídia**, que é o nosso objeto de estudo e produto, a partir da definição criada por Larrondo Ureta (2008), de que essa definição seja macrogênero, diante do atual contexto e âmbitos de contações de histórias no jornalismo.

5. REPORTAGEM HIPERMÍDIA: CONTAR HISTÓRIAS NO AMBIENTE DIGITAL

A ética e a missão do jornalismo não mudam com os avanços tecnológicos no ambiente digital. O compromisso do indivíduo que trabalha como jornalista com informações honestas e verídicas permanece e permanecerá cada vez mais com o passar do tempo. Neste momento em que aglomerados de informações adentram a vida das pessoas com mais facilidade a partir do ambiente web, potencializados pelo grande uso de dispositivos móveis, a preciosidade de boas fontes de informações se apresentam latentes. Baccin (2017) explica que as expressões midiáticas no ambiente digital reconfiguram processualmente o contar histórias. No jornalismo as possibilidades se ampliam e se conectam entre si para uma integração que explana melhor ao leitor as causas e consequências dos fatos, oportunizando mais detalhes e interatividade sobre as narrativas. A leitura sobre a reportagem no ambiente digital se apresenta essencial para compreendermos esses fenômenos, Nilson Lage (2001) acredita em um profissional que consiga ter uma visão mais periférica sobre os processos de criação.

Hoje, com os computadores, a responsabilidade do repórter cresce e se diversifica: ele não apenas deve apurar bem, mas formular seu texto como o melhor dos redatores e participar das tarefas de edição: é inevitável comparar essa atividade múltipla com o modelo toiotista, que chegou à indústria ocidental, com a voga dos produtos asiáticos, na década de 1970. Para adequar-se a esse modelo, o operário deve ser versátil e interessado pela totalidade do processo de produção. Também o jornalista (LAGE, 2001, p. 8).

Um ambiente de trabalho que convoca mais envolvimento, atualização constante e grandes doses de criatividade. Este é um pouco dos processos que os avanços da tecnologia digital têm proclamado aos jornalistas do século XXI. O chamado webjornalismo, com suas conexões, articulações e explicações dos conteúdos narrativos na web, têm aberto cada vez mais perguntas sobre como melhorarmos e contarmos com mais efetividade nossas histórias com as reportagens digitais.

Cada vez mais, novos produtos jornalísticos são criados por veículos de comunicação e agências para dialogar com o cotidiano de seus públicos conectados. As transformações, ampliação de possibilidades narrativas e mudanças de lógicas de funcionamento do jornalismo se apresentam em uma frequência constante, com a necessidade intrínseca da ética jornalística. Neste memorial, discutimos o produto reportagem hipermídia como esse espaço de produção de conteúdo que aprofunda. Nos atentamos a esse gênero, alocado em um site para experimentar com uma maior abertura a multimídia, ou melhor, a hipermídia dos conteúdos. No ambiente digital, além de conseguir manter suas especificidades e características enquanto gênero, ele se fortaleceu com as possibilidades digitais de amplitude de sua missão informativa.

Baccin (2017) afirma que ocorre um processo de remediação abre caminhos para a reportagem diante de mutações no jornalismo com os avanços digitais.

Toda reportagem pressupõe investigação e interpretação, segundo Lage (2001). Ela é a expressão do jornalismo interpretativo que enche vazios informativos ladeados pela notícia. A partir de uma narrativa multiangular, estabelecida por ingredientes como o contexto, a rede de forma que atua sobre o fato, os antecedentes, a projeção no futuro, o suporte especializado - quem possui conhecimento sobre o fato - e o perfil dos personagens relacionados ao fato (LIMA, 2004), esse gênero atua contribuindo com uma perspectiva mais interpretada dos fatos para o público.

A reportagem tem desejo de articular fatos para uma contextualização e inserção para o receptor de um olhar mais nítido e objetivo sobre os acontecimentos. Na prática da grande reportagem, existe a possibilidade de maiores compreensões sobre o tema e em seu âmbito contextual, oferecer ao seu autor a oportunidade e liberdade para superar os padrões e fórmulas do *HardNews* na construção da notícia. Na grande-reportagem é possível trabalhar profundidade extensiva, intensiva e participativa da reportagem. Esses processos de construção do mergulho no tema, digitalmente, formatando o produto jornalístico em um *hotsite*, a narrativa poderá ser organizada de maneira horizontal ou vertical.

O aprofundamento extensivo/horizontal amplia quantitativamente a taxa de conhecimento do leitor sobre o tema, por meio de dados, números, informações e detalhes relacionados. Já o aprofundamento intensivo/vertical amplia qualitativamente essa taxa, apontando causas, consequências, efeitos, desdobramentos, repercussões e implicações do assunto reportado (LIMA, 2009, p. 2).

Enquanto gênero jornalístico, a reportagem se apresenta como importante recurso de mais entendimento dos acontecimentos e fatos em qualquer mídia. Seja rádio, jornal, revista, televisão ou internet, a finalidade de envolvimento com a pauta permanece. Ao se debruçar sobre os processos de criação e integração desse gênero no espaço digital, as possibilidades narrativas se reinventam gradativamente, como afirma Baccin (2017):

[...]a partir do processo de remediação pelo qual as formas expressivas midiáticas se renovam na hipermídia. Essa renovação, que é processual, busca uma ampla conexão, articulação e explicação dos conteúdos narrativos, os integrando em um contexto que detalha a informação (causas e consequências) (BACCIN, 2017).

Com o jornalismo digital, surgem emergentes contextualizações para as reportagens, Baccin (2017) afirma que não a multimídia, mas a hipermídia estabeleceu um diferencial grande para as construções desse gênero em ambiente digital.

Na análise da construção deste formato, entendemos que se deve prestar atenção aos processos sógnicos envolvidos, ou seja, os processos de linguagem que operam na conformação de um novo tipo de forma de representação, como é a hipermídia. Neste sentido, cabe verificar o trabalho de Santaella (2007), para quem há “três matrizes lógicas, a partir das quais, por processos de combinações e misturas, originam-se todas as formas possíveis de linguagens e processos de comunicação. Essas matrizes são: a sonora, a visual e a verbal” (Santaella, op. cit.: 75). Assim, a hipermídia seria um sistema sógnico resultante destas combinatórias. Ao mesmo tempo, a hipermídia opera a fusão conceitual que definimos como intermídia, mais adiante, numa tentativa de tornar mais claro o processo de conformação desta linguagem específica do meio digital. Trata-se de uma linguagem que se mistura no ato mesmo de sua formação, para usar uma expressão da mesma autora (ibidem, p. 85).

Entende-se que as histórias jornalísticas, neste caso as reportagens hipermídia, podem ser contadas de várias maneiras. Porém, a partir de análises e do seguinte corpus, Baccin afirma que reportagens hipermídia apresentam pelo menos duas camadas informativas:

- Reúnem uma diversificação de tipos de links narrativos que objetivam principalmente complementar, detalhar, ilustrar e particularizar as informações;
- Usam vozes que expressam humanização;
- A participação do leitor é limitada (tanto pelo tempo de permanência da opção de comentários nos sites dos jornais que disponibilizam este espaço, quanto na interação entre jornal e leitor que não se estabelece na análise de duas reportagens);
- A participação do leitor é levada para fora do site do jornal, para os sites de redes sociais);
- E por meio da coordenação e integração entre as modalidades comunicativas, nas quais o texto cumpre a função de regente da história.

São esses os elementos comuns que compõem as narrativas, compreendidos a partir das características do hipertexto jornalístico, hipermidiático com seus eixos estruturantes:

- As histórias são contadas por meio de uma organização estrutural da narrativa que contempla lexias capitulares iniciadas por imagens;

- Sustentamos também, por meio das discussões que provocamos com a literatura, que as histórias são contadas a partir de relatos humanizados;
- A utilização de variantes contextuais que se expressam nas modalidades comunicativas, sejam elas textuais, visuais ou sonoras e integradas entre si;
- A exposição de múltiplas vozes que enriquecem os relatos por meio de sua amplitude e diversificação, de links que contribuem para facilitar a compreensão das histórias, por meio da complementação, do detalhamento, da ilustração, da particularização e do contraponto;
- As camadas informativas que se propõem a aprofundar a informação.

Compreendemos que a narrativa das reportagens hipermídia se configura por meio do entrelaçamento dos elementos hipertextuais (links e lexias) e das potencialidades do hipertexto jornalístico, expressas pelas características e pelo uso de outros recursos como as modalidades comunicativas, com os requisitos que são próprios do gênero reportagem, o aprofundamento da narrativa, a contextualização, a humanização do relato! (BACCIN, Alciane, 2017).

Assim como o desenvolvimento de determinadas tecnologias permitiu o aparecimento da fotografia, do cinema e da televisão, hoje computadores e tablets estão mudando não só nossa forma de ler o mundo como de escrever sobre ele. Novas possibilidades expressivas vêm sendo abertas a partir da criação e popularização de ferramentas narrativas voltadas para o meio digital (COSTA, 2013). Neste sentido, a reportagem RETOMAR PARA REINVENTAR propôs uma construção de narrativa sobre a ocupação cultural Mercado Sul Vive utilizando a diversidade de ferramentas disponíveis digitalmente - fotos, áudios, vídeos, textos e gráficos interativos.

A proposta deste trabalho foi a realização de uma grande reportagem em formato digital, a partir da teoria do que se chama de *longform journalism* ou jornalismo de formato longo. O *longform* é um formato para narrativas jornalísticas em meios digitais. O ambiente expressivo do jornalismo online, habituado aos formatos de notícia fragmentados, facilitados pelas possibilidades do uso de links da linguagem hipertextual e hipermidiática, há alguns anos vem sendo ocupado por textos jornalísticos mais longos e aprofundados. (Longhi & Winques, 2015)

O *longform* começou a ser discutido em 2012 e seu uso tem crescido. Possui narrativa linear, não-ficcional, extensa, aprofundada e de qualidade sobre uma série delimitada de questões a respeito de um único tema. A perspectiva da construção dessa narrativa é de

conteúdo multimídia junto ao texto (imagem, vídeo, áudio e interação), mas com uso e aplicação moderado para presença e participação do leitor.

O *longform* tomou seu lugar na web tanto em artigos, como em formatos noticiosos hipermidiáticos, tais como a grande reportagem multimídia – GRM, seja em sites específicos, seja no jornalismo de referência. Sob uma perspectiva metodológica exploratória, aliada à pesquisa bibliográfica e a entrevistas com profissionais ligados ao tema, este artigo tenciona discutir e problematizar essa manifestação contemporânea do webjornalismo. Ao lado de propor uma problematização sobre qualidade versus quantidade, corrente quando se discute o tema do *longform* no webjornalismo, como atestam algumas fontes consultadas neste trabalho, o artigo também faz uma breve análise de quatro exemplos de produtos noticiosos: as grandes reportagens multimídia A Batalha de Belo Monte e a Crise da Água, publicadas pela Folha de S. Paulo, e duas grandes reportagens da série UOL TAB, respectivamente Compartilhe-se e A origem. A título de conclusão, o artigo vislumbra se o jornalismo longform tem lugar – e futuro - no webjornalismo. (LONGHI & WINQUES, 2015, p. 1)

Segundo as autoras Longhi e Winques (2015) o resgate - e consolidação desse tipo de narrativa - é justificado pela disseminação dos dispositivos móveis, que permite uma maior portabilidade e facilidade de leitura. Em 2012, Marco Arment, criador do *Instapaper*, uma ferramenta para agregar artigos que podem ser lidos em outros horários, a exemplo do Read It Later, afirmava que o “*longform* exige leitura atenta, e leitura atenta requer um ambiente livre de distrações. Nessa linha de pensamento vai Tom Rosenstiel, numa análise do webjornalismo em fala no TED, ao afirmar que o tablet reintroduziu a leitura longform: “ (...) o consumo de notícias *longform* está de volta às nossas vidas realmente pela primeira vez na era digital” (ROSENSTIEL, 2013).

Rosenstiel é firme ao dizer que nos primeiros quinze anos de internet, as pessoas não leram *longform* – o link para uma *webpage* tinha uma duração média de 30 segundos, de acordo com ele. Isso porque o desktop é uma “máquina de distrações, com inputs chegando a todo momento, assim como emails. Porém, *tablets* e *smartphones* são dispositivos de “uma única atividade” (no original, “*one activity devices*”). Isso inseriu uma nova relação do leitor com os produtos jornalísticos digitais. Isso implica em uma perspectiva importante para o desenvolvimento de reportagens *longform* que consigam estar *offline* para a leitura também sem os *desktops* e *online*.

Alguns critérios da sintaxe multimídia que permitem ao jornalista saber quais são os “ingredientes multimídia” que podem ser compatíveis entre si:

1. compatibilidade: quando os elementos utilizados simultaneamente são compatíveis sem requerer muito esforço para entendimento por parte do público em geral. As linguagens utilizadas não podem ser incompatíveis, causando ruído à informação;

2. complementaridade: os elementos utilizados devem se enriquecer mutuamente e a quantidade de informação que o jornalista coloca à disposição dos leitores por meio de cada elemento deve ser articulada entre si. Se o jornalista der mais tempo ou espaço para um tipo de linguagem, os demais terão de ser breves;

3. ausência de redundância: um certo grau de repetição é saudável para que os leitores fixem a informação e para a coesão da narrativa, além de possibilitar o entendimento da informação, como a utilização de legenda em áudios que tem muito ruído. A regra é – quando um elemento não acrescenta nada ao que outro elemento comunica, ele não deve ser utilizado;

4. hierarquização: consiste em determinar qual é a linguagem que melhor informa o conteúdo, dando destaque a esse tipo de linguagem com mais espaço e/ou tempo;

5. ponderação: o fato de que na internet não temos limites de tempo e espaço não quer dizer que os leitores têm tempo e disponibilidade para ficarem horas em frente a uma tela consumindo o que produzimos. É preciso tecer os conteúdos com ponderação, disponibilizando a informação necessária e construindo-a em camadas. Quanto mais os leitores tiverem interesse no assunto, mais fundo irão na busca de informação;

6. adaptação: o conteúdo informativo tem de estar adaptado ao caráter hipertextual do meio, aos aspectos técnicos, bem como à arquitetura hipertextual da publicação, facilitando a leitura e a compreensão da narrativa.

A partir desses critérios de composição da multimídia, Salaverría (2005) articula três principais modalidades de organização da sintaxe multimídia: a multimídia por justaposição, a multimídia por coordenação ou integração e a multimídia por subordinação. Salaverría (2005) acredita que a multimídia por integração representa melhor a linguagem do espaço digital, no qual as informações não podem simplesmente estar justapostas, é preciso que haja uma integração entre o que preferimos chamar de modalidades comunicativas e que cada elemento possua certa autonomia para comunicar. Mesmo que haja um formato de linguagem principal nas narrativas jornalísticas, a integração entre cada modalidade é fundamental. Nas reportagens hipermídia, podemos perceber que é possível às modalidades comunicativas estarem organizadas hierarquicamente e, ao mesmo tempo, comunicarem de maneira integrada e autônoma ao mesmo tempo, e, mais além, com uma linguagem própria, unificada, uma linguagem que não é própria de cada um dos meios, mas que é resultante da remediação de todas as modalidades comunicativas. O texto da reportagem tenta uma experiência de reportagem hipermídia por integração.

6. DIREITO À CIDADE E OCUPAÇÃO CULTURAL: A TRANSFORMAÇÃO DE MENTES E ESPAÇOS URBANOS

O direito à cidade é uma perspectiva bastante ampla, que enxerga a cidade como um elo da e para a sociedade. Dessa forma, o campo não está excluído dessa perspectiva e nenhuma outra forma de organização social. Temas como direito a cultura, transporte, moradia, alimentação, acesso a água, educação, entre outros perpassam essa luta que tem um processo estruturante de questionar que a sociedade não tenha simplesmente o direito ao que já existe na cidade, mas, sim, **o direito de transformar a cidade em algo radicalmente diferente**, como diz Harvey (2009). Neste sentido, as cidades devem ser construídas para as pessoas. No entanto, a sua estrutura, de forma geral, é concebida para expulsar seus moradores. Nesta perspectiva, o direito a cidade é uma proposta que engloba a luta para que a sociedade – as pessoas – independentemente de sua condição financeira possam usufruir por seu direito amplo e irrestrito.

O que fez as pessoas irem para as ruas em 2013? O mote por trás da luta, “Não é por 0,20 centavos”, tem a ver com essa disputa pela cidade. Neste sentido, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto teve grande expressão neste processo e a luta pelo direito a moradia ganhou força como uma expressão desse direito, além do movimento pelo transporte. Há dois tipos de despejo: o despejo forçado, realizado pelas forças policiais, e o despejo brando, quando as pessoas são vencidas pela falta de condições financeiras para pagarem. Em todas essas formas, as pessoas são expulsas do centro pela especulação imobiliária.

Neste sentido, ROLNIK (2015), ao falar do direito a moradia, aborda a questão da financeirização global, isto é, determinados locais são construídos e deixados parados por um longo tempo apenas para sua valorização. Essa lógica acontece em todos os âmbitos, e a moradia aqui é apenas uma expressão para financeirização que vivemos hoje em vários aspectos fundamentais para uma vivência mais digna e acesso a justiça social.

Dessa forma, ao abordar a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive enquanto fenômeno social e cultural pela luta ao direito a cidade, pauta que se transversaliza em tantos outros direitos como – o direito ao trabalho, o direito a cultura, o direito a alimentos saudáveis, o direito a formas lúdicas de viver. Entre outras perspectivas, percebe-se ali uma relação muito profunda com as “comunidades autônomas”, a exemplo poderíamos citar os zapatistas no México, que estão em busca da construção de um movimento autonomista, no qual se estabelece a cidade como um elo pelo qual as pessoas precisam de vozes para decidir, e que em conjunto pode-se transformar radicalmente nossa participação na sociedade.

Conceitualmente, o direito a cidade não traça um horizonte para se chegar a outro modelo social. No entanto, podemos entender que se fosse praticada a expressão “a cidade para as pessoas” teríamos um outro modelo de Estado e de participação social, aspectos fundamentais para essa efetivação.

[...] do lado da arte, desde meados dos anos 1990 e em várias partes do mundo, temos a imersão crescente de ações de coletivos artísticos problemáticas situacionais, trabalhando a partir da cidade e nela intervindo através de representações e situações performáticas. Já do ponto de vista dos movimentos sociais, temos a contestação das formas tradicionais de representação política, como parlamentos, partidos e sindicatos, e a proliferação de grupos autonomistas e anarquistas e de novas formas de autorrepresentação (ROLNIK, Raquel. *Guerra dos Lugares*. Boitempo, 2015. p. 376).

Esse movimento, dentro de sua relevância política e cultural, verifica-se como resultado de uma utopia de mundo, a partir de luta e resistência, buscando a aproximação dessa utopia com a realidade. A ocupação hoje só é possível por se entender o processo histórico que o mercado passou a partir de uma interpretação social que permite a lucidez desse movimento. E, portanto, permite-se a luta e a resistência nesse espaço, se utilizando das próprias ferramentas disponíveis atualmente.

A partir do momento em que o modelo econômico neoliberal permeia o modelo de atendimento aos direitos básicos constitucionais, ele penetra conseqüentemente a política de moradia, sendo, em sua essência, excludente.

Em *Guerra dos Lugares*, Raquel Rolnik comenta que “esse modelo vai [...] capturando territórios, expulsando e colonizando espaços e formas de viver”. É necessário voltar o olhar para a questão habitacional muito além da dicotomia formalidade/ informalidade, esse é apenas um dos aspectos problemáticos enfrentados pela população de baixa renda. O acesso e a integração à cidade, a sensação de segurança e a relação de pertencimentos e apropriação para com o espaço público é uma questão política que afeta toda população, não estando a salvo os que possuem uma propriedade formal. Como explica Agamben em *Metropolis*, quando diz que “está ocorrendo um processo de despolitização, cujo resultado é uma curiosa zona em que não é possível decidir o que é privado e o que é público”.

No Brasil, ocupações de cunho habitacional e cultural organizam-se de inúmeras maneiras, formas e projetos na luta pelo direito à cidade, enfrentando processos políticos e jurídicos com diversos aspectos parecidos, com suas individualidades.

7. DIÁRIO DE BORDO

Os procedimentos metodológicos a serem utilizados para execução desta reportagem *longform* será a partir de apuração qualitativa e quantitativa sobre a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive. A partir de pesquisas documentais, acompanhamento do processo jurídico sobre os locais, entrevistas com personagens locais, especialistas sobre os temas em questão e referências bibliográficas sobre direito à cidade e cultura.

Pretende-se realizar o seguinte caminho metodológico no acompanhamento de uma pauta estendida (APÊNDICE 2). O processo de produção da grande reportagem já teve início em janeiro de 2016, com registro fotográfico do Encontro de Avaliação e Planejamento de um ano de Ocupação, seguido de diversas coberturas fotográficas de eventos e cotidianos do espaço. Ocorreu um acompanhamento e sondagem sobre aspectos e pessoas envolvidas no desenvolvimento dessa experiência urbana e cultural.

Segundo Pereira Junior (2010), a sondagem é essencial para que a pauta possa ser elaborada. O que garante um bom trabalho jornalístico são apurações preliminares, explorações das fontes, documentos e publicações em pesquisa prévia à formulação da pauta, assim como uma base de informações para sustentar a investigação e saber qual a credibilidade das fontes que nos lançam a pista inicial. Ajuda a estabelecer a viabilidade da pauta – se a proposta é possível de apuração e se ela se justifica. Este trabalho se organizará nos seguintes passos de investigação jornalística:

Fase 1: ELABORAÇÃO DA PAUTA

Pista inicial + Sondagem inicial + Registro Fotográfico + Preparação da pauta

Fase 2: PRÉ-PRODUÇÃO

Análise das fontes + Sequência de abordagem + Entrevistas e registros audiovisuais

Fase3: PRODUÇÃO

Confrontação de informação + Checagem

Fase 4: PÓS-PRODUÇÃO

Redação + Produção visual e digital da reportagem + Reserva de documentação

Podemos ver que a pesquisa é fundamental para o desenvolvimento de um bom jornalismo, entretanto Pereira Junior (2010) destaca que é muito comum o repórter se deter em consultar apenas fontes primárias para obter informações, negligenciando as fontes das fontes, isto é, os documentos que deram origem às informações prestadas a público. O autor ressalta que muitas vezes este processo de investigação é dificultado por questões financeiras, logísticas e burocráticas, entretanto é fundamental para que o jornalista possa levar a seus leitores as informações mais verdadeiras e corretas possíveis. Nesse período foi realizada ainda uma pesquisa bibliográfica através da consulta de publicações sobre *longform*, jornalismo literário, cultura popular, especulação imobiliária, economia solidária, jornalismo cultural, sustentabilidade, direito a cidade, geografia e história do Distrito Federal.

A configuração da reportagem hipermídia

Esta grande matéria se configurará em um *hotsite* a partir de seis capítulos que ajudam a dimensionar o contexto dos acontecimentos. Durante a narrativa, o leitor consegue assistir a pequenos trechos de entrevistas com falas das fontes, contextualizando determinado assunto importante, galerias de fotos em slide, fotos em highlight, infografia, áudio e hiperlink. Com essa configuração, o texto se torna eixo central da história, possibilitando uma base para que a narrativa se configure. Desta maneira, como MIELNICZUK (2003) afirma, o texto tenta apresentar as seguintes características:

Acontecimento: diz respeito aos principais acontecimentos do fato noticiado. Detalhamento: apresenta detalhes sobre o acontecimento; podem ser dados depoimentos ou explicações de especialistas. Oposição: quando for o caso, apresentar argumentos de entrevistados ou mesmo dados que contestem informações de fontes oficiais ou fontes primárias ouvidas. Exemplificação ou particularização: ilustra ou explica o acontecimento com exemplos ou casos particulares, apresentando personagens ou casos semelhantes. Complementação ou ilustração: oferece dados complementares que possam auxiliar na apresentação e compreensão do acontecimento. Memória: oferece links que remetem ao arquivo de material já disponibilizado sobre o mesmo assunto ou assuntos correlatos (MIELNICZUK, 2003, p. 137).

Esta reportagem pretende discutir os motivos, desencadeamentos, causas, consequências, transformações e o processo jurídico no qual o movimento de ocupação cultural Mercado Sul Vive (MSV) está envolvido no pequeno bairro de Taguatinga Sul, o Mercado Sul.

Aborda-se ainda as necessidades de compreendermos melhor a memória da intervenção em 8 espaços, contextualizando como os espaços antes abandonados começaram a ser utilizados para o uso social e cultural das pessoas no local, como esses lugares se reinventaram arquitetonicamente e utilitariamente para articular diversas ações culturais.

Além disso, esse capítulo exporá como está o processo judicial de reintegração dos espaços pelo proprietário e os antagonismos postos a essa questão. Pretende-se possibilitar que o leitor interprete como as perspectivas habitacionais e a proteção do direito à propriedade privada estão em contradição com as verdadeiras necessidades das pessoas que vivem no local que precisam morar, trabalhar e terem seus direitos básicos garantidos, como o da cultura e convivência comunitária, por exemplo. Também se discute questões a respeito da moradia na era das finanças.

Será abordada a narrativa que contextualiza historicamente a ocupação cultural de 2015, detalhando como foi o início do MSV, assim como a história do DF, Taguatinga e Mercado Sul. Trataremos inclusive do processo de abandono de espaços, a consequência local, a discussão de uso social dos espaços, o processo judicial e o direito à cidade. Também põe-se em questão os espaços do direito à cultura e desigualdades de tratamento diante de territórios tão diferentes no DF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meu processo com relação a essa pauta foi além do que está escrito, filmado ou fotografado. A convivência com as pessoas do Mercado Sul me proporcionou construir uma leitura e vivência mais ampla de sociedade e sobre as minhas relações com o que é estar e existir nas cidades, e até mesmo com o espaço rural - aprendi a respeitar mais profundamente cada lugar. Conheci o Beco da Cultura em 2015, sem compreender o que era aquela história que eu acompanharia. Desde o início me prontifiquei em registrar a partir da fotografia, muito antes de pensar em construir um Trabalho de Conclusão de Curso sobre o MSV. Muitas fotos foram disponibilizadas para o coletivo que as utiliza até hoje em seu processo judicial e outras atividades relacionadas às suas atividades.

Conhecimento gera empatia, que envolve e gera confiança, me disse uma das ocupantes em uma das várias audições das vozes que ecoam dessa experiência. Confiança que enfrenta uma série de desconfianças pelos altos números de tentativas de criminalizar esse e outros movimentos sociais que realizam ações questionadoras de estruturas sociais, políticas e econômicas no mundo. Muitos dos entrevistadores que foram ao Mercado Sul talvez não tiveram a oportunidade de estabelecer um contato tão presente como o que consegui vivenciar. Não por agirem de má fé ou por serem ruins profissionais, mas sim por não terem entrado em contato com o tema o suficiente para perguntar questões mais específicas ou deixar nítido o que é cada coisa e gente em seu quadrado junto de seus pensamentos. Muita gente 'estrangeira' ao Beco realmente entende somente um pouco do que esse território oferece.

Não estamos falando somente da ocupação, mas sim de uma comunidade com uma variedade grande de dimensões a serem entendidas. Não quero indicar que esta reportagem hipermídia seja perfeita ou completa, mas que consegui captar e ecoar alguns depoimentos de fontes que não se intimidaram em contar de seus sonhos individuais e coletivos de transformação da realidade. As resistências dessa área da cidade articulam muitas histórias para além das medidas da QSB 12/13 de Taguatinga Sul e são renovações de ideias ancestrais.

Todo e qualquer profissional tem um arcabouço de vivências que são passíveis de interpretações refletidas em seu trabalho, neste trabalho não foi diferente. Adentrar o tema de pauta e conhecer mais as discussões e ferramentas do jornalismo digital consagrou um movimento de contribuição cidadã relevante para a discussão da função social, cultural, política e afetiva dos lugares. Passei quase três anos e nove meses colhendo de construções empáticas. É um desafio entrar e viver essa experiência, pois as pessoas possuem certa resistência a possíveis aventureiros de conteúdo que apenas querem cumprir demandas informacionais. Com

o tempo, braços abertos se abriram como as possibilidades do lema “Beco da Cultura de Portas Abertas”, para apresentar outras dinâmicas do estar juntos.

“O vinho que bebe pode não ser o mais caro, mas compartilhado com os aliados se torna o vinho mais raro”, diz o trecho de um rap do grupo Abronca do Rio de Janeiro. Um pouco disso foi o que percebi enquanto jornalista com essas pessoas, personalidades e atitudes. A economia tradicional e a solidária do Mercado Sul não tem circulação de grandes fortunas, mas agrega gente interessada em fazer diferente, que procura sentido de vida e alternativas frente às injustiças do mundo. Perfeito? Não, pois o mundo não é perfeito, nem as pessoas. Entretanto, com este trabalho pude mais uma vez consolidar a ideia de que a luta move o mundo, corações e mentes em busca de utopias resguardadas em ações concretas de questionamento e reinvenção do que esta posto. Retomar para reinventar.

Quem nasceu na vida “pera com leite”, com o conforto de suas necessidades básicas garantidas, não tem nada mais e nada menos que privilégios. Não precisam se preocupar em construir ações pelo mínimo, como o direito a morar, por exemplo. Muita gente adentra movimentos como o dos Trabalhadores Sem Teto, o dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e Ocupações Autônomas por necessidade. E essas necessidades entram em processos de resignificação com o tempo. As próprias pessoas que adentram movimentos sociais entram e se modificam com o tempo ao confrontar o que é certo e o que é errado. Por exemplo: entrar em propriedade privada abandonada, as verdades sobre isso ser desonesto são várias, mas que certezas são essas? Quem disse isso tem muito ou pouco? Por que o abandono?

A concentração de terra gera pobreza e miséria. Os latifúndios são muitos: da convivência, mercado, dos espaços, ideias e sonhos (pesadelos). Muitos desses latifundiários nem percebemos em nossas vidas. No Mercado Sul encontram-se outras nuances da nossa vida diante de padrões configurados, é um âmbito em que se exercitam a autonomia de escolha e a responsabilidade diante desse cenário. No Beco esses exercícios já estão durando mais de 15 anos. Confrontos com perspectivas por sentidos maiores de comunidade, dinheiro, ser feliz, saúde, transporte, locomoção. A Ocupação Mercado Sul Vive indaga sobre o que se conhece de cidade, é um aglomerado de sonhos que se encontram no mesmo ambiente e geram um boom de ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANAVILHAS, João. **Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas**. In: CANAVILHAS, João (orgs). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. covilhã: UBI, livros LabCom, 2014. p. 3-24.
- COSTA, Cristiane. **Novas estratégias narrativas nos meios digitais**. São Paulo, 2013.
- FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. São Paulo: Ulbra, AGE, 1999.
- HARVEY, David. Alternativas ao neoliberalismo e o direito à cidade. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 12, n. 2, p. 269-274, dez. 2009.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO. Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos dos cursos de pós-graduação: trabalho de conclusão de curso, dissertação e tese. Rio de Janeiro: IFRJ-Reitoria, 2011.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- LONGHI, Raquel; WINQUES, Kerley. **O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. Assoc. Nac. Prod. Com., 2015.
- MARTINS, Vera Guimarães. **Quando o conteúdo é demais**. Disponível em: <http://migre.me/oJsM7>.
- MIELNICZUK, L. O link como recurso da narrativa jornalística hipertextual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 18., 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, RJ: 2005
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Carlos. **Apuração da Notícia: método de investigação na imprensa**. 3 ed. - Rio de Janeiro: Petrópolis, 2010.
- ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- ROSENSTIEL, Tom. **The Future of Journalism**. 28/05/2013. Vídeo disponível em: <http://migre.me/oJsBs>. Acesso em: 27/11/2014.
- SALAVERRÍA, Ramón. *Redacción Periodística en Internet*. Pamplona: EUNSA, 2005.

SODRE, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SCHVARSBERG, Benny. **A carroça ao lado do avião: o direito à cidade metropolitana em Brasília**. Cad. Metrop. [online]. 2017, vol.19, n.38, pp.313-334.

APÊNDICE 1

Pauta Estendida

Editorial: Cultura / Cidades

Título provisório: A retomada como reinvenção da cidade

Subtítulo: 3 anos da luta por direito e uma outra cultura de cidade pelo movimento de Ocupação Cultural Mercado Sul Vive

Repórter: Webert da Cruz Elias

Tema:

A Ocupação Cultural Mercado Sul Vive acontece há três anos em Taguatinga/DF e tem se configurado como referência nacional de movimento de resistência contra a especulação imobiliária e por direitos a cidade, cultura e desenvolvimento territorial sustentável.

Objetivo da matéria:

Esta reportagem *hipermídia* irá narrar sobre os processos que desencadearam a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive e as consequências e vivências desse fenômeno urbano durante seus três primeiros anos, assim como apurar a história sobre a perspectiva de juristas, ocupantes, comunidade local, especialistas, Estado e proprietário dos espaços. Questões transversais na matéria: ocupação urbana, comunidade, comunicação, cultura, trabalho colaborativo.

PARTE 1

Contexto histórico da Ocupação Cultural Mercado Sul

Escrever sobre a história do Mercado Sul até a Ocupação Cultural MSV. Abordar Tentar responder às seguintes com fontes oficiais e personagens da matéria:

- O que é a ocupação urbana e cultural?

- Por que ocuparam as oito lojas?
- Por que o movimento se chama “Mercado Sul Vive”?
- Qual era a conjuntura sociopolítica nacional no qual aconteceu a ocupação?
- Como questões nacionais reverberam no local?
- Quem são os ocupantes e os papéis desenvolvidos por cada um ? Como se configuraram e se configuram os espaços ocupados e para que servem.
- Quais atividades foram e são realizadas? Organizar o período de atuação de cada ação?
- Descrever as atividades culturais e econômicas como a Casa de Ofícios, EcoFeira do Mercado Sul, Bicicentro Comunitário, Becomposto Agricultura Urbana, EcoLoja por exemplo.

PARTE 2

Processo jurídico e direito a cidade e cultural

Perguntas a serem respondidas na apuração:

- Qual é o processo jurídico? Como foi e está o andamento o processo?
- Dialogar com especialistas sobre o tema.
- Apurar informações com a Assessoria Jurídica Popular - AJUP, coletivo que acompanha a Ocupação na Justiça.
- Escrever sobre o Mercado Sul como patrimônio cultural e histórico do Distrito Federal.
- Quais as chances da conquista dos espaços.

PARTE 3

Relações comunitárias em desafios e oportunidades

Perguntas a serem respondidas na apuração:

- Qual é a relação antes e depois do processo de luta pelos espaços da Ocupação e o restante da comunidade?
- Como é o lidar da ocupação com o tráfico no local? Problemas e análises
- Relacionamento com a polícia
- Sobre o Bar BecoPUB
- Qual é o pensamento de outros moradores do local sobre a ocupação?

Longform em narrativa vertical

Neste trabalho será utilizado o formato vertical, ou seja, com a utilização do *scrolling* para a leitura.

A pertinência e oportunidade da matéria em longform

A agenda de luta pelo direito à cidade tem crescido nos últimos anos no Brasil. Propostas e ações na busca por transformação dos espaços urbanos em locais melhores para se viver tem sido um dos motes que rearticulam diversas pautas segmentadas nesse contexto. Exigências por melhores política públicas de meio ambiente, mobilidade, energia, saúde, educação, esporte, lazer e cultura expressam comportamentos e possibilidades de construção de um novo imaginário diante das lógicas até então instaladas nas cidades e metrópoles que conservam valores como a propriedade privada.

Compreender o processo de Ocupação Cultural no Mercado Sul em Taguatinga/DF é atender-se à um fenômeno que dialoga diretamente à novas práticas e formatos dos movimentos sociais e culturais com as demandas urbanas. O Distrito Federal possui um grande índice de especulação imobiliária ao se perceber a questão da propriedade privada e moradia. A Ocupação, apesar de ser cultural, também é uma resposta a uma mercantilização dos espaços urbanos. Pensar os espaços em uma gestão coletiva configura um novo pensamento e, sobretudo, práticas no cotidiano das pessoas pertencentes ao espaço. Experiências comunitárias como essa precisam de um olhar jornalístico atento a fim de compartilhar essa experiência.

Existe uma diversidade de jeitos de contar história. Em termos de conteúdos, o Movimento Mercado Sul Vive consegue embarcar em diversas ferramentas digitais para a narrativa longform, o tema é multimídia. O convívio, diálogo, pesquisa, comunicação livre, reflexões, provocação e arte podem ser abordados por entrevistas, vídeos, fotos, *newsgame*, animações interativas HTML e textos pesquisados. Realizar a narrativa jornalística dessa experiência de gestão coletiva e autônoma em *longform* irá proporcionar ao leitor uma leitura e compreensão mais integral sobre o assunto.

Contexto/ história:

Toda essa perspectiva ainda é pouco tratada pela mídia ao realizar coberturas e relatos sobre as ações que acontecem no Mercado Sul. Foca-se em algumas atividades culturais, sem abordar o contexto no qual a cena cultural acontece, nem a importância histórica do local para Taguatinga e o Distrito Federal. O local ainda não é reconhecido como patrimônio imaterial do

DF e atualmente possui uma necessidade de reconhecimento político para conseguir uma desapropriação de posse do suposto dono das lojas ocupadas e a cessão de uso pelo Estado.

A história do Mercado Sul e a sua contextualização a partir da ocupação para dimensionamento da importância desse lugar ainda não foi contada em profundidade por meios acadêmicos e nem jornalísticos. A ideia deste trabalho é desenvolver reportagens investigativas e interpretativas sobre a cultura, especulação imobiliária e comunidade do local para um registro histórico desse que foi um dos principais pontos comerciais na história do Distrito Federal.

O território do Mercado Sul é composto por diversos coletivos e ações que são bastante diversas. As reportagens realizadas não são lucidas sobre a composição dos espaços (APÊNDICE 1). Misturam coletivos, passam informações equivocadas e não compreendem a sua complexidade. Esses problemas de apuração têm construído conflitos internos no Mercado Sul como um todo, na relação comunidade-ocupação e na dinâmica das organizações que existem no local. Esta reportagem pretende ter um cuidado minucioso sobre o que é cada lugar de participação dos sujeitos que se relacionam no território.

Além de uma narrativa mais profunda com responsabilidade de não misturar informações e respeitando a diversidade local, entende-se a importância do registro histórico desta ocupação urbana, visto que é a única experiência no Brasil desse porte - fenômeno que mistura direito à cidade e cultura como transformação local e comunitária. Para o movimento, a cultura é percebida para além da manifestação, mas como uma prática que é feita diariamente como transformação social e da sociedade como um todo.

Fontes/contatos:

a) Ocupação e direito a cidade

Participantes do Movimento

Nara Oliveira - nara@gunga.com.br

Abder Paz - triaarte@gmail.com

Julierme Oliveira - juliermeacademico@gmail.com

Artur Sinimbu - artur.sinimbu@gmail.com

Angel Luiz Rodriguez - angel.luis.df@gmail.com

Daniela Rueda – drueda84@gmail.com

Caroline Nóbrega - carol.nbessa@gmail.com

Raquel Rolnik

<https://raquelrolnik.wordpress.com/>

raquelrolnik@gmail.com – CONVITE PARA ENTREVISTA ENVIADO

Raquel é arquiteta e urbanista brasileira, graduada pela Universidade de São Paulo - SP em 1978. Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo em 1981, doutorada em Graduate School Of Arts And Science History Department - New York University em 1995 e livre docência pela FAUUSP em 2015. É Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e participou de uma roda de conversa na Ocupação em 2016.

Acesse a íntegra da Roda de prosa com a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik sobre Especulação Imobiliária e Direito à Cidade, em 22 de outubro de 2016, Ocupação Cultural Mercado Sul Vive! Taguatinga – DF: <https://goo.gl/gqOMBi>

Foi Diretora de Planejamento da cidade de São Paulo durante a gestão de Luiza Erundina (1989 – 1992). Foi também secretária nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades de Lula (2003 – 2007). Por seis anos, até 2014, foi relatora especial da ONU para o Direito à Moradia Adequada. É autora dos livros "Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças" [4] (2015), "O que é Cidade" (2004), "São Paulo - Coleção Folha Explica" (2001), "A Cidade e a Lei - legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo" [5] (1997). Possui muitos artigos e publicações sobre a questão urbana, colabora quinzenalmente com a Folha de S.Paulo e mantém o Blog da Raquel Rolnik, onde escreve regularmente sobre questões urbanas.

É autora dos livros "Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças"[4] (2015), "O que é Cidade" (2004), "São Paulo - Coleção Folha Explica" (2001), "A Cidade e a Lei - legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo"[5] (1997). Possui muitos artigos e publicações sobre a questão urbana, colabora quinzenalmente com a Folha de S.Paulo e mantém o Blog da Raquel Rolnik, onde escreve regularmente sobre questões urbanas.

POSSÍVEIS PERGUNTAS:

Qual é a importância das ocupações urbanas?

Qual é a relação ou se existe conexão entre iniciativas como a Ocupação Mercado Sul Vive e o contexto político brasileiro?

Qual é o seu posicionamento sobre Ocupações de propriedade privadas?

b) Redes de Cultura

Ivana Bentes

ivanabentes@gmail.com – CONTATO REALIZADO

Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991). Atualmente é professora associada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. Foi diretora da Escola de Comunicação da UFRJ de 2006 a 2013. Foi Secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura do Brasil de janeiro de 2015 a maio de 2016 (gestão interrompida pelo Golpe de 2016).

POSSÍVEIS PERGUNTAS:

Como iniciativas em redes culturais como a ocupação tem fortalecido comunidades pelo Brasil?

É recorrente problemas com a comunidade? Problemas similares a falta respeito, antipatia, desafetos...

Oportunidades: diálogo, troca e harmonia, lado com o restante da comunidade.

Célio Turino - Especialista

celioturino65@gmail.com

Célio Roberto Turino de Miranda, mais conhecido como Célio Turino (Indaiatuba, 22 de abril de 1961) é um historiador, escritor e servidor público brasileiro. Célio Turino foi secretário municipal de Cultura de Campinas de 1990 a 1992, Diretor do Departamento de Programas de Lazer na Secretaria de Esportes, na gestão de Marta Suplicy, e secretário na Secretaria da Cidadania Cultural do Ministério da Cultura entre 2004 e 2010, período em que criou o Programa Cultura Viva, política do Ministério da Cultura que marca uma mudança de paradigma na elaboração de políticas públicas para a Cultura no Brasil. O Programa Cultura Viva viabilizou a criação de mais de 2500 Pontos de Cultura espalhados em mais de mil municípios do Brasil, beneficiando mais de 8 milhões de pessoas e criando 30.000 postos de trabalho.

Liza Andrade1

lizamsa@gmail.com

Professor de Arquitetura da UnB

Coordenadora do Escritório Modelo CASAS e Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Guilherme Reis

Secretario de Cultura do DF no Governo Rollemberg

Secretaria de Cultura do Distrito Federal

SCTN, Via N2, Anexo do Teatro Nacional - CEP: 70070-200

Telefone: (61) 3325-6101 | E-mail comunicacao@cultura.df.gov.br

60 anos, nascido em Goiânia. É ator, diretor teatral e gestor cultural. Iniciou sua carreira em 1972, desenvolvendo inúmeros projetos em teatro, cinema, música e dança. Como produtor cultural, realiza, desde 1995, o Cena Contemporânea – Festival Internacional de Teatro de Brasília. Também trabalhou como assessor especial na Secretaria de Cultura do Distrito Federal (1999) e na reitoria da Universidade de Brasília (1986 a 1989).

Ricardo Lustosa Jacobina

Administrador de Taguatinga

Assessoria de Comunicação

(61) 3451-2542

ascomtaguatinga@gmail.com

Tecnólogo em Edificações; Profissional de Arquitetura e Bacharel em Direito. Atuou no ramo da construção civil, Especializou-se no ramo da Administração Pública, assumindo a Chefia de gabinete e posteriormente ascendendo ao cargo de Administrador Regional do Lago Norte. Com perfil técnico e dotado de grande habilidade em situações de crise.

IPHAN

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)

SEPS - Quadra 713/913 - Bloco D - Edifício Iphan

CEP 70390-135 - Brasília/DF

E-mail: faleconosco@iphan.gov.br

Josmar da Costa

Proprietário das lojas

61 996184308

POSSÍVEIS PERGUNTAS:

Contar sobre a história do Mercado Sul?

Quando ele descobriu?

Qual é a solução ideal para os problemas que existiam antes da ocupação?

O que acha da revitalização do espaço?

Como estaria se não tivessem ocupado?

Planos para o uso das lojas / comércio?

Moradores Locais

Ir até o Mercado Sul

Autores para leitura:

Mafezoli - Estar junto em comunidade / direito a cidade

- Raquel Paiva - Conceito de comunidade
- Sofia Zanforlin - Pertencimento

Requisitos para a cobertura: fotógrafo, infografista, ilustrador, *videomaker*, telefone, animador HTML.

Fotografias: criar galerias, slideshows, destaques no site, ilustrar texto;

Vídeos: contextualizar com falas, destaques no site

Animações HTML ou newsgame: criar interação. Propostas existentes são a de uma linha do tempo, uma foto interativa 360° do local, perfis dos participantes.

Infográficos: números de atividades da ocupação, dados gerais;

Anexos:

1. Matérias que apareceram em outros meios e textos de apoio. (Ver APÊNDICE 1)
2. Estatuto da Cidade: <https://goo.gl/E70XLc>
3. Petição para apoio ao movimento de ocupação Mercado Sul Vive para o Governador do Distrito Federal. Acesse em: <https://goo.gl/Ji60Au>
4. Carta de 1 Ano de Ocupação. Acesse em: <https://goo.gl/C3Rk86>

rádio <http://baobaxia.mocambos.net/media/mocambos/dpadua/audio/16/10/25/raquel-rolnik-na-ocupacao-cultural-mercado-sul-vive-ef44f.oga>

APÊNDICE 2

Reportagens realizadas sobre a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive (2015-2017)

Reportagens sobre a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive

2015

14/02/2015 – Movimento Mercado Sul Vive realiza ocupação cultural de lojas abandonadas. Disponível em: <http://iteia.org.br/jornal/movimento-mercado-sul-vive-realiza-ocupacao-cultural-de-lojas-abandonadas-em-taguatinga>

16/02/2015. Movimento Mercado Sul Vive faz ocupação cultural de lojas abandonadas. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/brasil/rede/indicacao/movimento-mercado-sul-vive-faz-ocupacao-cultural-de-lojas-abandonadas/>

26/02/2015 – Mercado Sul Vive: resistência e arte em Taguatinga. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/259552-1>

07/03/2017. Primeira intervenção urbana – Ocupação Cultural Mercado Sul Vive. Disponível em: <http://ceudebrasil.com.br/primeira-intervencao-urbana-ocupacao-cultural-mercado-sul-vive/>

04/08/2015 - Mercado Sul: conheça o beco cultural de Taguatinga. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/04/interna_cidadesdf,493207/mercado-sul-conheca-o-beco-cultural-detaguatinga.shtml

04/12/2015 – Ocupação Cultural Mercado Sul – a juventude em movimento no DF. Disponível em: http://juventude.gov.br/juventude/noticias/ocupacao-cultural-mercado-sul-a-juventude-em-movimento-no-df#.WRHH4EDQ_Qo

2016

21/01/2016 – Economia solidária dá fôlego a cultura. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1317188

17/02/2016 – Ocupação Cultural Mercado Sul Vive comemora um ano. Disponível em: http://juventude.gov.br/juventude/noticias/ocupacao-cultural-mercado-sul-vive-comemora-um-ano?lang=es#.WRHT60DQ_Qo

04/04/2016 – Reinventado a luta moderna. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/reinventando-a-luta-urbana/>

24/04/2016 – Mercado Sul em Taguatinga se torna exemplo de resistência cultural. Disponível em: <http://www.metropoles.com/entretenimento/mercado-sul-em-taguatinga-se-torna-exemplo-de-resistencia-cultural>

28/06/2016 – Ocupação Cultural do Mercado Sul vive em Taguatinga resiste e vive. Disponível em: <http://raioxdf.com.br/?p=5747>

13/09/2016 – Cultura manifesta interesse em apoiar Mercado Sul Vive. Disponível em: <http://www.cultura.df.gov.br/noticias/item/3938-cultura-manifesta-interesse-em-apoiar-mercado-sul-vive.html>

14/09/2016. Governo do Distrito Federal oficializa a ocupação cultural Mercado Sul Vive interesse em desapropriar área. Disponível em: <http://www.mercadosul.org/governo-do-distrito-federal-oficializa-a-ocupacao-cultural-mercado-sul-vive-interesse-em-desapropriar-area/>

2017

12/03/2017 – Papelão e sacos de cimento viram arte em Taguatinga. Disponível em: <http://jornalismo.iesb.br/2017/03/12/papelao-e-sacos-de-cimento-viram-arte-em-taguatinga/>

25/04/2017. Mercado Sul: e o beco renasceu. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/mercado-sul-e-o-beco-renasceu>

Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses

BRANDÃO, Flavia Sofia do Nascimento. Cidades inteligentes e direito à cidade : a atuação das tecnologias da informação e comunicação na produção de duas perspectivas antagônicas de espaço urbano - o caso da Ocupação Cultural Mercado Sul Vive, Taguatinga, Distrito Federal – Brasília: UnB/FAC, 2016. - Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/21471>

